

Resenha

MEGIANI, Ana Paula Torres *O Jovem Rei Encantado: Expectativas do Messianismo Régio em Portugal, Século XIII a XVI*, São Paulo: EDITORAHUCITEC, 2003.

Paulo Ricardo Bonfim*

O Jovem Rei Encantado: Expectativas Do Messianismo Régio Em Portugal, Século XIII a XVI é a versão publicada da pesquisa de mestrado da historiadora Ana Paula Torres Megiani, desenvolvida junto ao Departamento de História da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Jônatas Batista Neto, entre os anos de 1990 e 1995. A autora é docente no mesmo departamento, onde, também, defendeu tese de doutoramento¹.

Seu livro apresenta ao leitor uma abordagem crítica acerca dos aspectos formadores do sebastianismo lusitano, enquadrando-o numa perspectiva mais ampla como manifestação particular, na Idade Moderna, de um messianismo régio nacionalizado, através da perenidade de tradições que remontam à época de criação do reino português, na Baixa Idade Média.

Tal propósito, cumprido com êxito e maestria, tem ainda o mérito de apresentar-se em uma linguagem clara e objetiva, portanto, de fácil acesso mesmo aos que não se dedicam, academicamente, aos estudos históricos. Outra característica da obra, essa já especialmente importante aos acadêmicos, é a coesão com que a pesquisa é apresentada, colaborando, ao longo dos capítulos, para aclarar as hipóteses indicadas no início do trabalho acerca dos elementos e das circunstâncias que tornam inteligível a eclosão do messianismo sebástico no final do século XVI.

A utilização de fontes diversificadas, respaldando constantemente seu raciocínio, é de grande valia aos que pretendem um aprofundamento no estudo das expectativas

* Mestrando em Educação na Universidade São Francisco, na linha de pesquisa em História, Historiografia e Idéias Educacionais, pós-graduando na especialização em História, Sociedade e Cultura na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Professor Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

¹ *O Rei Ausente: Imagem E Memória Da Monarquia Filipina Nas Jornadas E Entradas Régias De Portugal - 1581 E 1619*, em 2000. Este estudo foi publicado, pela Editora Alameda, em 2004, sob o título *O Rei Ausente: Festas E Cultura Política Nas Visitas Dos Filipes A Portugal 1581 E 1619*.

messiânicas, facilitado pela indicação de farta documentação e a apresentação de outros estudos sobre a temática.

A obra está organizada em um *prefácio*, onde a autora caracteriza sucintamente sua pesquisa e indica os estudos importantes sobre o tema; uma *introdução*, onde apresenta suas hipóteses de trabalho e uma discussão sobre a relevância dos estudos acerca das expectativas milenaristas e messiânicas, sobretudo para a compreensão de aspectos particulares da cultura luso-brasileira; *quatro capítulos*, divididos em duas partes, onde procede à análise da temática; e suas *considerações finais*, seguidas, convenientemente, das referências bibliográficas.

Na primeira parte, intitulada *Tradições Partilhadas*, discorre sobre a forte influência de duas tradições messiânicas e milenaristas, amplamente difundidas no ocidente europeu: o *Joaquimismo* e a *Matéria da Bretanha*. Essas tradições teriam penetrado em terras lusitanas através das mãos dos religiosos da Ordem de Santa Cruz, na Baixa Idade Média.

O primeiro capítulo, *O Imaginário Bíblico*, cumpre a função de explorar as origens dos discursos apocalípticos e messiânicos presentes na Europa, a partir da chegada de várias culturas depois da desestruturação do Império Romano.

Na cultura judaico-cristã encontram-se as origens do pensamento escatológico presente no imaginário europeu. Além dos textos escatológicos admitidos no cristianismo como o *Apocalipse Segundo São João* (Novo Testamento) e o *Livro de Esdras* (Antigo Testamento), existem ainda os apocalipses apócrifos que, embora não canônicos, tiveram grande repercussão na Europa durante a Idade Média.

A forte presença desses discursos apocalípticos, na Baixa Idade Média, foi determinante para o surgimento do *Joaquimismo*. As revelações escatológicas do abade cisterciense Joaquim Fiori (1145-1202) previam a divisão da história do mundo em três fases, a do *Pai*, a do *Filho* e a do *Espírito Santo*; com o fim de uma fase, iniciava-se a seguinte até a derradeira. Às previsões de Joaquim Fiori, foram incorporados, pelos franciscanos, elementos como o *Anti-Cristo*, as *catástrofes escatológicas* e a figura mítica do *Imperador dos Últimos dias*. Essa corrente de pensamento ficou conhecida como *Joaquimismo* e adquiriu rapidamente grande popularidade entre o baixo clero que o difundia nos meios populares.

No capítulo seguinte, *O Imaginário Cavaleiresco*, a autora trata de uma das mais antigas matrizes temáticas da tradição literária cavaleiresca: a *Matéria da Bretanha*.

Com a apropriação das lendas bretãs, sobre o líder mítico Artur e seus guerreiros, pelas novelas de cavalaria no estilo do romance cortês², ocorre uma aproximação do cristianismo a essas figuras pagãs que passam, então, a compor um modelo de líder cristão e justo; um modelo a ser seguido por nobres e monarcas.

A lenda de Artur, originalmente transmitida através da oralidade, assentava-se na crença do retorno do lendário Rei Artur. Para os povos bretões que viviam sob a dominação estrangeira dos normandos essa tradição assumia um importante caráter de resistência. Essa temática lendária foi apropriada, primeiramente, pelo cronista Geoffrey Monmouth, na obra *História Regum Britanniae*, entre 1134 e 1135, transformando, convenientemente, o mítico Artur em primeiro ancestral da Dinastia Plantageneta reinante na Inglaterra. É evidente a tentativa de assentar a legitimidade dinástica na figura mítica dos tempos imemoráveis. A obra de Monmouth foi traduzida para o francês por Wace, em 1155, ganhando contornos característicos do romance cortês, populares no continente por recriar as façanhas de seus líderes ancestrais. Contudo, o maior responsável pela divulgação da *Matéria da Bretanha*, na Baixa Idade Média europeia, foi certamente Chrétien Troyes, a partir da segunda metade do século XII.

Megiani destaca a influência das temáticas arturianas, sob perspectiva cristã, na primeira novela de cavalaria escrita em Portugal: a *Demanda do Santo Graal*. Segundo especialistas, a obra deve ter sido escrita por volta de 1220, provavelmente pelas mãos dos já mencionados frades de Santa Cruz. É gritante o caráter messiânico desta obra, fundindo a figura do cavaleiro à do cristão justo, casto e temente a Deus. A *Demanda do Santo Graal* tornou-se a fonte de inspiração de todos os autores de novelas de cavalaria em Portugal, sobretudo durante a Dinastia de Avis (1385 – 1580), como a *Crônica do Imperador Clarimundo*, de João de Barros, escrita em 1522.

A obra de João de Barros tem como característica marcante o caráter messiânico e providencialista, onde o Imperador Clarimundo, herói da vitória sobre os turcos, é

² Gênero composto por narrativas escritas em versos ou prosa inspiradas nas *Canções de Gesta*, poemas cantados (jograis) que relatavam os feitos heróicos dos cavaleiros das cortes medievais. A novela de cavalaria é um dos tipos de textos que compõem esse gênero, desenvolvido na França por volta do século XII.

revelado, ao longo da novela, como ancestral de D. Afonso Henriques, predestinado a repetir as glórias alcançadas sobre os infiéis.

Na segunda parte do livro, com o título *Tradição Incorporada*, a autora procura analisar como essa herança de tradições calcadas no mito do rei salvador e do povo escolhido marca profundamente o imaginário português emergindo nos momentos de incertezas onde o presente não está à altura do passado grandioso nem do futuro esperado.

No terceiro capítulo, *O Retorno Mítico de D. Afonso Henriques*, investiga-se a construção do mito fundador e o caráter salvacionista atribuído ao protagonista, D. Afonso Henriques. Através do estudo das crônicas disponíveis, a autora analisa a elaboração do *Milagre de Ourique*, onde Jesus Cristo crucificado teria aparecido a D. Afonso Henriques, nas vésperas da Batalha no Campo de Ourique (1139), anunciando a vitória lusitana sobre os mouros.

A autora destaca que pouco se sabe sobre a vida de D. Afonso Henriques, pois as crônicas retratam apenas os momentos importantes da criação do reino e das batalhas de Reconquista. Muito da memória sobre D. Afonso Henriques se deve aos jograis e canções de gesta que constituíram, na Baixa Idade Média, um importante meio de manutenção das memórias dos grandes cavaleiros e suas façanhas. Provavelmente, as gestas de D. Afonso Henriques alimentaram a imaginação de muitos cronistas.

Sobre a construção do *Milagre de Ourique*, destacam-se a *Crônica de 1419* e a *Crônica de Duarte Galvão*, de 1505. É na primeira, cuja autoria ainda é polêmica, embora se tente atribuí-la a Fernão Lopes, que aparece pela primeira vez o milagre, atrelando a criação do reino à intervenção divina. A *Crônica de Duarte Galvão* retoma essa construção acrescentando outros milagres e aparições. Esta última teria sido a principal inspiração para D. Sebastião conhecer mais sobre a vida de seus antepassados.

No quarto e último capítulo, *D. Sebastião e a Personificação do Salvador*, a autora analisa como o mito fundador e a figura redentora de D. Afonso Henriques são revisitados, durante o século XVI, num contexto conturbado marcado por inseguranças causadas pelas perdas de possessões na África e pela crise sucessória ao trono português. Neste capítulo a autora analisa como D. Sebastião (1554 - 1578) foi,

primeiramente, anunciado como o *Desejado* e, depois de Alcácer-Quibir (1578), buscado como o *Encoberto*.

Era de conhecimento público a saúde frágil do jovem Príncipe João (1537 -1554), único herdeiro do trono de D. João III (1502 - 1557). Este príncipe casou-se assim que completou dezesseis anos, com D. Joana de Castela, sob a expectativa de gerar herdeiros para o trono lusitano. O clima de insegurança se agravou com a morte deste príncipe, vinte dias antes do nascimento de seu filho. Segundo cronistas da época, um sentimento de aflição e espera se instaurou em Portugal envolvendo nobreza e populares em procissões, vigílias e promessas que rogavam a Deus sua benção com um herdeiro ao trono; todos depositavam na criança que estava por vir a responsabilidade de manutenção da autonomia portuguesa.

Por nascer no dia de São Sebastião, a criança recebe o nome em homenagem ao santo, estabelecendo-se imediatamente, na devoção popular, uma associação entre o jovem príncipe e o santo guerreiro. Assim, a autora aponta que as expectativas que cercam o nascimento de D. Sebastião e a comoção nacional, expressa religiosamente, foram determinantes na construção da imagem de *ungido por Deus* atribuída ao Rei que ficou conhecido entre seus súditos pelo cognome de *Desejado*.

Como parece ser o caso, o homem perdeu-se na figura do Santo que lhe deu nome, levando o Rei a personificar, por desejo popular, a longa tradição messiânica e milenarista presente na história portuguesa. A autora destaca que D. Sebastião, assim como seus súditos, era suscetível a toda tradição que lhe apontava como redentor. Isso explica a insistência em combater no norte da África com as armas que supostamente D. Afonso Henriques teria usado na Batalha do Campo de Ourique. Desejava reviver a vitória milagrosa sobre os infiéis, inaugurando, assim como D. Afonso Henriques, tempos de glória para o reino lusitano.

As tradições messiânicas e milenaristas perenes no imaginário português, reforçadas pelas circunstâncias sociais, econômicas e políticas de seu nascimento, emergem com toda a força convergindo para a identificação de D. Sebastião com a imagem mítica do Rei-Salvador, numa perspectiva providencialista e redentora. O jovem D. Sebastião personifica, perfeitamente, essas tradições messiânicas e parece, também, assumir tal propósito para si.

As crônicas reais dão a dimensão do enraizamento dessas tradições messiânicas e milenaristas entre a nobreza que buscava legitimidade na mitificação de seus ancestrais dinásticos.

A autora destaca, ainda, a importância das profecias populares, como as *Trovas do Bandarra*, que difundiam a crença na espera do Salvador que ainda estava *Encoberto*. Tais profecias adquirem grande relevância no conjunto da sociedade lusitana, sobretudo após o trágico desfecho de Alcácer-Quibir, com o desaparecimento do Rei. É grande a repercussão dessas trovas tanto em meio popular quanto erudito, como bem ilustra o caso do fidalgo João de Castro que aproximou as profecias do Bandarra à elite portuguesa, identificando o *Encoberto*, nos versos proféticos, na figura do jovem Rei desaparecido em batalha.

O sebastianismo passava, portanto, a se consolidar como movimento messiânico à luz das tradições e crenças perenes no imaginário português. Outro aspecto levantado pela obra diz respeito ao caráter universalista que o reino português adquiria com as conquistas marítimas; criavam-se expectativas superdimensionadas, contrariadas pelos reveses no comércio mundial de especiarias, em meados do século XVI.

Nesta perspectiva profética, como povo eleito, o sebastianismo emerge como uma manifestação particular de uma tradição messiânica e milenarista muito antiga. Ganha força, diante dos infortúnios de Alcácer-Quibir, o sentimento messiânico nacionalizado, forjando a crença no retorno do jovem Rei D. Sebastião pronto a restabelecer a ordem e inaugurar uma época de prosperidade e justiça.

Em suas considerações finais, com o intuito de nos fornecer um panorama sobre os estudos acerca do sebastianismo, Megiani comenta a importância que essa temática assumiu ao longo do tempo. Segundo a autora, o tema foi apreciado nas obras dos principais historiadores portugueses e ganhou espaço no universo poético de Fernando Pessoa, como ilustra o poema *Mensagem*. Ressalta, ainda, a importância do Padre Antônio Vieira como um dos mais importantes pregadores do messianismo lusitano – recurso profético que se tornou argumento de resistência política durante a época da União Ibérica.

A autora ressalta que a crença no Salvador é um mito conhecido em muitas culturas, compondo um conjunto com outras tradições como a *Idade de Ouro* e a *Terra*

da Abundância. Sobre este último, a autora destaca a expectativa europeia diante do Novo Mundo que chegou a ser identificado como a terra da abundância e prosperidade: o paraíso terrestre, fazendo, assim, alusão à obra clássica *Visão do Paraíso*, de Sérgio Buarque de Holanda.

Sobre os impactos dessas tradições em nosso país, a autora destaca a forte presença de elementos messiânicos em nossa cultura política e a relevância do estudo das expectativas messiânicas para melhor compreendermos o aparecimento de lideranças carismáticas, sejam elas religiosas ou políticas – ou uma combinação das duas –, em momentos de insegurança causados por crises e transições. Como alerta a pesquisadora, o fenômeno messiânico está presente em nosso imaginário político e manifesta-se tanto em ambiente rural quanto no cenário urbano-industrial, sendo reciclado pela história, adaptando-se às condições de cada época. Essas tradições, em nossa cultura, são legados de três séculos de colonização portuguesa e católica; esse elemento messiânico e milenarista estava presente no imaginário do desbravador português – colonizador e missionário – e deitou raízes em nossa cultura.

São vários os momentos em que essa herança messiânica ganhou destaque em nossa história. As pregações de Antônio Conselheiro, no sertão baiano, talvez tenha sido sua expressão máxima; mas as expectativas messiânicas mantêm-se, contudo, de forma intermitente ao longo de nossa história mesclando-se com novos elementos e assumindo novos contornos. Essa perspectiva providencialista ecoa, ainda hoje, em discursos onde o religioso embrenha-se no político anunciando tempos melhores, mobilizando a confiança de pessoas numa espera incerta.

É neste sentido que a liderança política, em alguns casos, converte-se numa espécie de *salvador* que profetiza um tempo futuro de prosperidade e justiça. A autora destaca a importância de se atentar, na análise do fenômeno messiânico, para a mescla de antigos e novos elementos – singularizando cada manifestação messiânica – ao passo que trazem consigo tradições de longa duração e expressam-se através particularidades históricas e culturais de seu tempo, numa dinâmica sutil de transformações e continuidades.

Por fim, a singularidade com que a Profa. Ana Paula Torres Megiani analisa o fenômeno sebastico é inovadora sob vários aspectos. Primeiramente, supera a caráter

imediatista com que muitos pesquisadores se lançam na pesquisa histórica, prescindido de estudos e metodologias que permitam uma compreensão acerca do imaginário cultural e da longa duração de determinadas tradições, crenças e convicções sociais no plano simbólico. São inúmeros os exemplos de temas prenhes de significado e historicidade que acabam exageradamente simplificados e reduzidos pela pressa em explicá-los pelos aspectos que se rendem mais facilmente à compreensão do pesquisador. Outro aspecto que queremos salientar é o caráter de conjunto que se alcança na análise dos elementos simbólicos de uma nação, transcendendo, no mais das vezes, as diferenças econômicas e sociais.